

# A função social da literatura<sup>1</sup>

Côn. Ápio Paes Campos Costa

**Resumo:** Este artigo discute como a literatura e as artes possuem uma função social na medida em que possibilitam o homem a melhor se compreender.

**Palavras-chave:** Literatura, artes, função social.

**Abstract:** This article discusses how literature and the arts have a social function insofar as they enable man to better understand himself.

**Keywords:** Literature, arts, social function.

– I –

**E**stamos vivendo uma época de tanto pragmatismo e hipertrofia da ação, que se veem ameaçadas em sua sobrevivência as atividades humanas menos imediatas e que não guardam, com a realidade social e com o progresso científico, uma direta correspondência. Tais são as atividades artísticas de modo geral ou aquelas disciplinas que se convencionou chamar de “ornamentais”, como se elas servissem apenas para uma inútil e descabida ostentação de cultura da qual não se aproveitam os homens, como a filosofia, a literatura, a cultura clássica, etc.

Assistimos, com efeito, em nossos dias, a uma constante e crescente primazia da técnica e, por extensão, das ciências exatas e naturais sobre as artes e sobre aquelas demais ciências que representam, em primeiro plano, a cultura, ilustração e enriquecimento do espírito humano. O conflito não é tão novo como poderia parecer, e pode reduzir-se a diferentes fórmulas, todas

---

<sup>1</sup> Artigo publicado originalmente na revista *A Ordem*, v. 66, n. 6, 1961.

elas situando-se em dois polos que se pretende antagônicos: quer seja AÇÃO e PENSAMENTO, quer seja HUMANIMOS e TECNICISMO.

Partem os adeptos do tecnicismo e do ativismo cientificista do pressuposto de que o nosso mundo está numa fase de tal depressão e crise, que não há tempo para atividades perfunctórias do espírito. É quase como dizer que não temos tempo de pensar, tão grande é a urgência de agir. Ou então, numa variante, o pensamento deve ocupar-se exclusivamente com aqueles assuntos ou aquelas matérias das quais possa provir qualquer utilidade prática, qualquer resultado imediato, qualquer benefício para a coletividade, pois não podemos perder tempo com erudições inúteis. Inútil, para essas pessoas, é aquilo que não tem aplicação visível e ostensiva, perguntando-se elas – não raro com sincera isenção – que benefícios pode trazer à promoção das massas ou à economia dos países sub-desenvolvidos a arte abstrata ou um poema moderno. Empolgadas com esse aspecto terrível e angustiante de nosso mundo, que é a miséria generalizada e a injustiça social, os adeptos, conscientes ou não desse sutil produtivismo materialista, creem que todos os seres humanos, todas as faculdades intelectuais, todas as mãos e todas as parcelas do tempo de cada um dos indivíduos – tudo isso deve ser empregado num tipo de ação uniforme, tendendo à modificação das estruturas sociais e à elevação do nível econômico das massas desprotegidas.

Não podemos negar a enorme dose de verdade que se esconde dentro das afirmações paradoxais e dos apelos patéticos que nos chegam da parte daqueles que, mais de perto, se têm

debruçado sobre a realidade social de nossa época e se sentiram como que entontecidos com a vertigem das injustiças e dos abomináveis crimes que se cometem, em nome da civilização ou de regimes ultrapassados, contra a pessoa humana, em todos os países do mundo. É compreensível e justa a manifestação dessa revolta e o veemente desejo de contaminar todos os homens de boa vontade com a febre de indignação contra as instituições opressoras e as formas oficiais de exploração da miséria. Então, todos nós percebemos (ou devemos perceber) a obrigação – human e cristã – omitir-se, de não fugir às incomodidades de uma posição definida, de não acumpliciar-se com padrões sociais inadequados ou ineficientes para resolver os grandes problemas atuais.

Nada do que pudemos dizer sobre o assunto deve atenuar ou minimizar a força e a validade desse aspecto da questão, e as consequências que dela podem provir para cada uma das criaturas humanas de nossos dias: a ênfase que merecem as ciências sociais e as pesquisas no campo econômico, a proeminência equilibrada a ser concedida pelos organismos oficiais aos institutos de experimentação científica que se destinam a encontrar aplicações pacíficas e progressivas para as grandes descobertas modernas, a urgência de retirar dos programas de ensino esse tom excessivamente teorizante, que faz os alunos saírem do colégio desligados de sua realidade social e, pior ainda, sem possibilidades de modificá-la, e outras semelhantes. Mas o que é preciso acrescentar, como indispensável complemento a essa visão dos problemas atuais, é uma palavra de cautela contra o inegável perigo de se derivar para um tecnicismo isolacionista ou um produtivi-

vismo com pretensões a presidir as finalidades do ensino e das ciências.

O homem é um ser vário em suas manifestações e em sua realização pessoal, – e esta é uma verdade fundamental e elementaríssima que deve colocar-se na base de qualquer pesquisa social. Todas as tentativas para uniformizar a ação do homem, com o objetivo de aumentar-lhe a produtividade ou dirigi-lo para o maior bem do Estado, ou da Raça, ou seja lá do que for, sempre resultaram em fracasso porque partiram de uma falsidade ou de um desconhecimento da natureza humana em sua mais autêntica dimensão. O homem é vário e inesperado, e não podemos erigir em princípio o bitolamento de suas atividades pelas necessidades circunstanciais que o rodeiam. É possível que, em determinadas aplicações práticas, esse bitolamento possa ter validade provisória, mas nunca poderá ser promovido a princípio de validade permanente e universal. Há sempre que respeitar essa barreira do individual, do vocacional, da realização pessoal e intransferível. Esse é também um direito sagrado da pessoa humana que deve entrar, em primeiro plano, em todas as linhas de reivindicações sociais: o do homem realizar-se a si mesmo, sem interferências indevidas e sem pressões do exterior. Não é porque, num determinado lugar, se precisa de médicos, que cada indivíduo deve sentir-se na obrigação de estudar a medicina. E se alguém não seguiu a medicina, porque nela não sentiu a sua realização pessoal, não deve nem pode ser incriminado de omissão pelas mortes que continuam a ocorrer, por falta de médico.

Os casos concretos têm nuances, que não podemos analisar em linhas ferais, mas será sempre verdade que as necessi-

dades circunstancias não podem ultrapassar as fronteiras do vocacional nem jamais violentar o direito e a liberdade que tem o homem de se realizar integralmente, em quadros de natureza pessoal.

### - II -

O aspecto vocacional tem de comparecer, como primeiro critério de julgamento, perante aqueles que pretendem inquirir da literatura – como das artes em geral – qual o seu valor utilitário ou sua pragmática social. O vocacionamento literário e artístico dos indivíduos em espécie deve ser respeitado e defendido, por não se tratar apenas de um dado circunstancial dentro de uma sociedade, e muito menos de uma fixação a quadros de atividades ultrapassadas. O artista – e principalmente o artista da palavra – sempre teve reconhecida e valorizada a dignidade de sua arte em todas as sociedades e em todos os tempos. No seio de agrupamentos comunitários primitivos, que se esforçavam por superar um estágio de semi-civilização, a palavra em geral – ao lado da palavra elevada a um nível estético – foi sempre elemento importantíssimo de solidariedade social e de aproximação entre os homens.

É possível que, em nossos dias, quando mais se desentendem os membros da comunidade humana e quando a linguagem da violência parece ser a única resposta do homem dito civilizado aos seus permanentes e insolúveis conflitos mundiais – é possível que, nesta época, tenham perdido sentido e posição a palavra e o seu artista. Mas a culpa é menos destes que da época,

esta nossa época paradoxal, diante da qual Tristão de Athayde – num recente e admirável artigo - indaga, em tom amargurado: “Será possível que o recurso à guerra, à violência brutal, à negação da razão e do amor, seja ainda, como há um milhão de anos, a única resposta que o homem **civilizado** encontra, tal e qual o homem das cavernas, para resolver o problema de sua coexistência na Terra?”

Tem a palavra, no uso comum, um **conteúdo lógico** e, no uso artístico, um **conteúdo poético** – e ambos representam uma profunda interação do homem com o homem, naquilo que ele tem de mais autêntico, de mais **ele mesmo**: o seu espírito, o seu senso estético e emocional. Esvaziada a palavra de seus conteúdos, cavam-se entre os homens abismos intransponíveis e fendas irrecuperáveis, porque em nenhuma outra linguagem pode o homem exprimir-se, com eficácia, para fazer-se compreender por si mesmo e por sua época, do que pela palavra humana, mádida de fluência vital, repositório do pensamento eterno mas ao mesmo tempo compromissada com os ambientes, as variações constantes do tempo e do lugar, trazendo dentro de si um processo latente de aproximação entre os seres racionais, de solidarização comunitária – a palavra-linguagem e a palavra-arte.

Estudando, com maravilhosa lucidez, o fenômeno literário em sua interpenetração com o tempo, afirma **Guillermo de Torre** que devemos buscar a definição desse fenômeno, em primeiro lugar, “en el condicionamiento histórico de las mismas (obras literárias), em su temporalidad, em su situación epocal, como fruto que son de experiencias y circunstancias insoslayables, tanto íntimas como extrínsecas. Pues ningún fenómeno lite-

rario y estético que defina una época se produce acrónicamente ni deja de registrar huellas marcadas por vivencias rigurosamente personales, referidas a circunstancias únicas" – (Guillermo de Torres, PROBLEMATICA DE LA LITERATURA, Ed. Losada, pág. 10).

Se bem que possamos discordar dessa temporalidade alog exagerada que parece ressumbrar da conceituação de Guillermo de Torre, não podemos negar que, de fato, a palavra literária tem sido sempre o principal instrumento de dialogação do homem com seu tempo. Não serão, por certo, o poeta e o literato os homens destinados a promover diretamente, com estudos especializados ou pesquisas exaustivas, o bem social das populações subdesenvolvidas. Seria, contudo, inominável cegueira ou inexplicável sectarismo negar à literatura ou à poesia um lugar destacado na problemática social das épocas históricas e um esforço consciente para salvar, espiritualmente, o homem. E disso têm os verdadeiros escritores lúcida percepção, e é nesses termos que se exprime **Ungaretti**, numa página que merece a meditação atenta de quantos exigem dos literatos **adequadas** fontes de informação (ART POÉTIQUE, Ed. Seghers, pág. 534):

Voilà comment le poète moderne cueille le mot en état de crise, le fait avec lui souffrir, en essaie l'intensité, le hisse dans la nuit, blessure par la lumière. C'est pourquoi sa poésie est comme un déchirement charnel qui laisse s'envoler des fleurs de feu et possède une lucidité crue qui dans un vertige, fait monter l'expression vers l'infini détachement des songes; et c'est pourquoi ses motes pont mus par la nécessité d'arracher à la réalité

son masque et de rendre à la nature sa majesté tragique: voilà donc pourquoi un poète est un homme de son temps".

Poucas linhas antes, tinha ele afirmado que o poeta moderno participou dos acontecimentos mais terríveis da História e sentiu, intensamente, o horror e a verdade da morte. Seria, com efeito, impossível encontrar autenticidade numa literatura que se recusasse a essa perigosa e dramática participação íntima e profunda, de que provém a energia e o vigor da expressão literária. É evidente que podemos encontrar, dentro desta, uma gama infundável de variações e dosagens diferentes de vivência epocal. Mas estas variedades estão longe de significar uma alternância com a omissão ou recesso na problemática do tempo exprimem apenas a variedade das tendências e das vocações individuais; umas, mais condicionadas ao provisório e ao imediato, são por isso mesmo mais angustiadas e patéticas, e contribuem vigorosamente para modificar situações históricas, como foi o caso (típico, nesse aspecto) do **Uncle Tom's Cabin**. Outras, de menor temporalidade, carregam maior densidade de comprometimento com os problemas eternos do homem e procuram responder ao permanente estado de choque da própria natureza humana.

De qualquer forma, literatura é compromisso, e não é outra a tese de **Raul H. Castagnino**, no capítulo VI de seu ensaio "QUE ES LITERATURA?" (Editorial Nova, Buenos Aires, pág. 81 ss). Depois de proclamar, na literatura, uma completa negação do escapismo, repete aquela pertinente observação de Guillermo de Torre a propósito da conceituação de Sartre sobre literatura, isto é, que literatura comprometida não se deve confundir com litera-



tura sectária ou dirigida, e cita textualmente o autor de “Problemática de la Literatura”:

“Porque la literatura comprometida no supone que la afirmación taxativa de la responsabilidad insoslayable del escrito. Por consiguiente, sería más claro hablar siempre de literatura responsable que de literatura comprometida” (3.ª parte, págs. 185-186).

Essa é a função social da literatura como a de todas as artes, função que ela cumpre sempre que se afirma com autenticidade e com fidelidade a si mesma. Não é ocupação gratuita e ultrapassada, nem se pode classificar de erudição inútil e ociosa. É compromisso e testemunho, e por isso mesmo tem direito a um lugar destacado na configuração dos valores com que o homem moderno pretende combater e vencer o negativismo envolvente, a opressão da pessoa humana e a injustiça social. Suprimí-la dessa luta, seria o mesmo que renunciar a uma potente fonte de energia interior e ao mais expressivo instrumento de completação dos homens – uns aos outros. E foi isso o que disse o Papa Pio XII, de saudosa memória, em seu discurso ao I Congresso dos Artistas Católicos:

“...a arte ajuda os homens, não obstante todas as disparidade de caracteres, de educação e civilização, a conhecerem-se, a compreenderem-se, a pelo menos reciprocamente se intuïrem e, por consequência, a porem em comum os respectivos recursos com o escopo de completarem-se uns com os outros”.